

Perfil Epidemiológico da Coqueluche no RS em Lactentes: Tendências e Desafios de 2010 a 2025

Laura Zanatta¹, Emilly dos Santos Siqueira¹, Lauren Hickmann Müller¹ e Maria Fernanda Brum Mac Cord Lanes¹

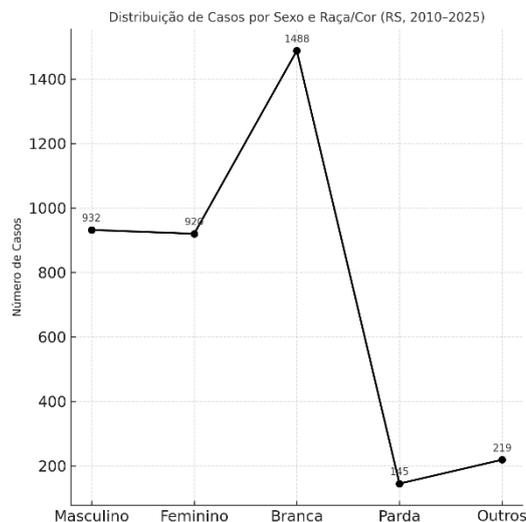
¹Curso de Medicina da Escola de Saúde da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Introdução: A coqueluche é uma infecção respiratória causada pela *Bordetella pertussis*, atualmente considerada um problema de saúde pública no Rio Grande do Sul (RS), especialmente entre crianças. Apesar da vacinação como medida preventiva, os surtos da doença continuam ocorrendo, indicando a necessidade de monitoramento epidemiológico. Assim, destaca-se a necessidade de análises atualizadas para compreender as dinâmicas de transmissão e orientar estratégias preventivas e de controle.

Objetivos: Analisar o perfil demográfico de casos por coqueluche em crianças, entre os anos de 2010 a 2025.

Métodos: Estudo ecológico baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS). Incluiu-se casos de coqueluche registrados no período de análise no RS, em crianças menores de 1 ano. As variáveis analisadas consistem em ano de notificação do 1º sintoma, sexo, cor/raça e evolução.

Resultados: O RS registrou um total de 1.852 casos de coqueluche em crianças menores de 1 ano neste período, sendo 2012 o ano com o maior número de notificações (n = 503 casos). Após, observou-se uma redução expressiva na incidência da doença, atingindo o menor número em 2020, com 4 casos. Em 2023, houve um leve aumento (13 registros), seguido de um salto significativo em 2024, com 113 casos. Em 2025, até o mês de abril, já foram contabilizados 61 casos no estado. Observou-se distribuição equilibrada entre os sexos, contabilizando 932 e 920 casos em crianças do sexo masculino e feminino, respectivamente. Quanto à raça/cor, a maioria das notificações ocorreu entre indivíduos autodeclarados brancos, com 1.488 casos, seguidos por pardos, com 145 registros. Por fim, dos casos registrados no período, 1.699 evoluíram para cura e 16 evoluíram para óbito.



Conclusão: A análise evidenciou redução expressiva após o pico em 2012, seguida de aumento a partir de 2023. O menor número de registros em 2020 possivelmente decorre da pandemia de COVID-19, devido ao quadro clínico ou à subnotificação, bem como, o aumento de casos em 2025 indica possível tendência de crescimento na sua prevalência. Esse recrudescimento ressalta a relevância da manutenção de altas taxas de cobertura vacinal. Reforça-se, a importância da vacinação de gestantes com a vacina dTpa, conforme orientações de autoridades de saúde. A vigilância epidemiológica contínua e o cumprimento rigoroso do calendário vacinal são essenciais para a prevenção e proteção de novos surtos na população infantil mais vulnerável.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de vigilância epidemiológica de doenças imunopreveníveis*. Brasília: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>.

E-mail para contato: laurazanatta08@gmail.com

